
BOHDAN WYTENKO - 70 ANOS LUZ (*)

O ano de 1997 e o começo de 98 foram marcados por perdas inestimáveis na Universidade de Sorocaba. Alguns colegas nos deixaram e foram transmitir seus conhecimentos em outro estágio de nossa existência.

Aquela máxima do capitalismo de que “ninguém é insubstituível” não se aplica a pessoas, à vida humana, de forma geral. Tenho certeza de que todos os colegas concordarão com isso. E aqueles que, no cotidiano, conviveram com os que não mais estão entre nós sentem a veracidade dessa argumentação e lamentam a falta dos que partiram.

Este texto é uma homenagem a um “ex-professor” da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, gênese da atual Universidade de Sorocaba. O ex-professor, entre aspas, justifica-se pelo fato de que um professor nunca é “ex”; uma vez professor, o será para sempre, presente ou não em nosso meio.

O professor Bohdan Wytenko exerceu o cargo de professor das disciplinas Filosofia Antiga (Curso de Filosofia) e História Antiga (Curso de História) durante o período de 01/03/67 a 01/03/69, a convite do prof. Aldo Vannucchi, então diretor da faculdade.

Um período relativamente curto, mas de grande proveito para todos: corpos docente e discente o guardam na memória com muita admiração pelo seu conhecimento vasto e, principalmente, como um homem íntegro, justo e bondoso.

Nascido em Zukotyn (Ucrânia), em 21 de novembro de 1927, “descobriu sua missão no mundo” - como ele mesmo afirmava - quando foi salvo do paredão de fuzilamento por um militar, durante a Segunda Guerra. Nesse momento limite, quando a vida mostra toda sua fragilidade e a morte ronda de forma inevitável, o jovem Wytenko soube que preparar caminhos para um mundo melhor era sua missão sagrada.

Em 1948, recebe seu diploma de Bacharel em Filosofia pela Universidade Livre da Ucrânia, onde foi docente nas disciplinas de Sânscrito e Filosofia Hindu e assistente de seu professor Wolhdynyr Shayan.

(*) Esta homenagem deve muito à Sr^a. Helena de Matos Wytenko e a seus filhos Yvan e Yara, que nos acolheram de maneira carinhosa e solícita. Agradecemos também à Prof. Cleide Riva Campello e ao amigo Mauro Guazzelli Gomes pelo incentivo e ajuda no início dos encontros.

Viaja para a Inglaterra, onde participa da revista **The Order**, como redator-chefe. O periódico, de cunho filosófico-religioso, publicado mensalmente na cidade de Ely, tinha como editor-associado Mathew McKay e, como editor, seu professor ucraniano já citado, todos do grupo **The Knightly Order of the Sun**. Também profere várias conferências de caráter ideológico renovador pela Europa.

No ano de 1952 publica **I Accuse Stalin**, onde denuncia o ditador soviético como responsável por todas as atrocidades, execuções, exílios, assassinatos que, hoje, saem em todos os jornais do mundo. Recentemente, a **Folha de S. Paulo** publicou no caderno *Mais!* reportagem sobre esse tema. Porém, em 1952, a situação era diferente: o mundo preparava-se para a Guerra Fria, e o texto foi enviado à ONU, listando genocídios, campos de concentração, intervenção em outros países.

These numerous crimes of genocide have been carried out by members of Communist Party and organs of secret police which in different periods acted under the names of CH. K., G.P.U., N.K.V.D., and lastly M.V.D., and whose chieftains are immediately responsible to J. V. Djugashvilli.

No mesmo número temos o texto **To save the world** (fragments of the Order's Manifesto as published in the 3rd. n. of **The Order**):

I solemnly declare this to be the first task of the Order's creation of the world and humanity:

To stop the crimes of Bolshevism.

To destroy its powers.

And to create the earth free for free nations and human beings.

Pode parecer romântico, neste fim de século, quando a ideologia da globalização quer tornar homogênea a visão do mundo. Mas, no início da segunda metade do século foi um gesto de coragem e justiça.

E aqueles que o conheceram sabem que não era demagogia ou oportunismo. Na sua simplicidade, queria um mundo melhor e livre.

Esse ideal vai fazê-lo empreender na década de 70, o que costumava chamar de "a semente de um novo mundo". Iniciou, na cidade de Votorantim, um

grupo de estudos, em um local de muito verde, conhecido pelo pessoal da região como Represa da Light.

Nesse local, “a semente de um novo mundo” foi plantada, oferecendo outros caminhos para pessoas interessadas em participar do grande projeto de vida do Prof. Bohdan.

Um visionário? Talvez.

Uma análise sociológica da vida do Prof. Bohdan pode sugerir que ele tenha sido ‘um personagem de sua época’. Quando inicia a construção do “novo mundo” baseado em paz, amor, justiça, liberdade, o país vivia a ditadura militar, o problema da censura, o milagre consumista, a banalização das drogas entre os jovens, principalmente.

Para a sociedade que se fechava (e ainda se fecha!) , ele oferecia um caminho novo, colocando à disposição de todos seus conhecimentos espirituais. Apesar de não ser um religioso no sentido confessional, possuía religiosidade interior.

Nesse ponto alguns podem questionar: não seria um mestre charlatão, um entre muitos que já tivemos e temos?

Afirmamos categoricamente: **NÃO**.

Nunca se colocou como mestre, dono da verdade; apenas apontava para um outro sentido que a vida poderia ter. Ninguém era obrigado a seguir os caminhos oferecidos, até porque eram as próprias pessoas que descobriam seus caminhos. Poderíamos dizer que era uma “Revelação do Sentido” o proposto pelo Prof. Bohdan.

Na década de 80, sua saúde apresenta sinais de fragilidade. O diabetes manifesta-se violento, necessitando de cuidados redobrados. Porém, supera a crise, antes de essa década acabar.

Hoje, mesmo sem a presença do professor Bohdan, pessoas ainda se reúnem para estudar e meditar naquele local.

Essa distância, anos após sua morte, possibilita-nos entender a dimensão de seu projeto e conhecimento. Não que antes isso não ocorresse. Era sua presença cativante e bondosa que não trazia a necessidade dessa dimensão.

Esta homenagem aos 70 anos de nascimento do Professor Bohdan prefere ser uma celebração de alegria e entusiasmo à vida-obra de um colega de profissão, a mesma celebração em que ele insistia: a vida.